

Aluno (a): _____

Nº _____

PROPOSTA DE REDAÇÃO – 1ª SÉRIE:

Texto I



Texto II

A força motriz do mundo globalizado é o capitalismo, que se configura pela busca incessante de produção, pela expansão dos mercados e por maiores lucros. Muitos avanços e melhorias de vida vêm sendo proporcionado às pessoas, mas tudo tem o seu preço, e hoje quem é vítima desse sistema de produção é o meio ambiente, pois esse é tido como ilimitado. O modelo de produção, para atingir seus objetivos, precisa fazer circular seus produtos; por sua vez, os indivíduos consomem de forma desenfreada. (...) Por consequência, a quantidade de resíduos produzidos é alarmante. O crescimento populacional e o estilo de vida têm reflexos na globalização – as cidades crescem desordenadas e os problemas ambientais acompanham no mesmo ritmo. A cidade é o espaço propício ao consumo, por concentrar a maior quantidade de serviços e bens; por outro lado, ela se depara com um grande problema: as sobras do consumo. (...) A educação ambiental coloca-se como fundamental, o que implica refletir o nosso estilo de vida e de consumo, educar para uma vida sustentável e, principalmente, contribuir para que se tenham cidades mais limpas, saudáveis e agradáveis para viver.

<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/4362>, adaptado

Texto III - A obsolescência programada e o lixo eletrônico

Além de forçar a população a comprar cada vez mais, a obsolescência programada causa um outro problema: o acúmulo de lixo eletrônico. Anualmente, cerca de 215 mil toneladas de aparelhos eletrônicos provenientes dos Estados Unidos e da Europa são despejados em Gana, sendo que, na região de Agbogbloshie, 129 mil toneladas de resíduos são acumulados todos os anos, fazendo com que essa região ficasse conhecida como "o lixão do mundo".

<https://canaltech.com.br/produtos/uma-analise-da-obsolescencia-programada-e-o-acumulo-de-lixo-eletronico-no-mundo-102156/>

Texto IV - Por que o Brasil ainda recicla tão pouco (e produz tanto lixo)?

Brasil é o quarto país que mais gera lixo no mundo

(...) Existe um desinteresse político e industrial no tema pela falta de vantagens econômicas da reciclagem. Enquanto algumas embalagens têm logística de reaproveitamento consagrada (como produtos de aço, alumínio e papelão), outras (como o plástico) são descartadas pela falta de retorno econômico. "Se o valor pago por elas é baixo, não há

motivação para que catadores separem o produto”, diz segundo João Giansi Netto, presidente da Associação Brasileira de Resíduos Sólidos e Limpeza Pública (ABLP).

<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2020/02/por-que-o-brasil-ainda-recicla-cao-pouco-e-produz-tanto-lixo.html>

Texto V

O desequilíbrio ambiental que, em grande parte, é atribuído à problemática do e-lixo, deve-se à desatenção dos órgãos públicos somada ao consumo desenfreado da população. (...) A própria espécie humana, os animais e o meio ambiente são vítimas do descarte dos mais variados materiais eletrônicos. (...) Aos poucos, o homem tornou-se refém da cultura do consumo, privilegiando o “ter” em detrimento do “ser”.

Gislaine Buosi

PROPOSTA DE REDAÇÃO: A partir do material de apoio e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo, em norma padrão da língua portuguesa, sobre o tema: **“Consumo e sustentabilidade: questão de cidadania e responsabilidade social”**. Apresente proposta de intervenção social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de maneira coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista

PROPOSTA DE REDAÇÃO – 2ª SÉRIE:

O “LUGAR DE FALA” AMEAÇA A LIBERDADE DE EXPRESSÃO?

Por Murilo Araújo

O conceito de “lugar de fala” tem se mostrado um dos temas mais polêmicos do debate público contemporâneo, especialmente quando consideramos alguns círculos ativistas, ou debates sobre a realidade das chamadas “minorias” sociais – negros, mulheres, LGBTQs e outros grupos. (...) De modo geral, o debate sobre os tais lugares de fala se converteu num quiproquó generalizado, em que as pessoas se debatem para decidir simplesmente quem “pode” ou não falar sobre este ou aquele assunto – se pessoas brancas podem ou não falar sobre racismo; se homens podem ou não falar sobre machismo; se heterossexuais “possuem” ou não “lugar de fala” para falar sobre homofobia... e assim por diante. (...)

De um lado, estão os que defendem a necessidade de que apenas membros de determinadas minorias falem a respeito dos sistemas de opressões e violências que vivenciam, exatamente por poderem falar a partir destas vivências e experiências, enquanto pessoas afetadas por estes sistemas. Do outro lado, estão os que argumentam que qualquer pessoa pode ser capaz de entender qualquer assunto, tendo ou não passado por alguma vivência, de modo que todas as pessoas devem ter o direito de participar “igualmente” de todos os debates – neste caso, para este grupo, a ideia de “lugar de fala” seria não apenas um conceito equivocado, como também uma tentativa de silenciamento e uma ameaça à liberdade de expressão.

Cá, no meio do caminho, eu penso que as duas visões tenham as suas devidas parcelas tanto de razão quanto de equívoco. E o problema, para além da polarização, é que a própria noção de “lugar de fala” que está em jogo aí acaba nivelando a discussão por baixo. Afinal, “um lugar de fala” não é – ou não deveria ser – uma espécie de palanque de minorias pré-determinado, onde só alguns são “autorizados” a subir. Não é disso que se trata. Assim sendo, para que essas discussões sejam mais frutíferas, penso que seja necessário dar um passo atrás, e rediscutir o que é mesmo que estamos chamando de “lugar de fala” – de um lado, para não usarmos o conceito de forma rasa e pouco produtiva; de outro, para também não corrermos o risco de simplesmente abandonarmos o conceito, como se ele não tivesse nenhuma utilidade.

Para empreender esse esforço, quero me remeter especialmente à discussão da filósofa indiana Gayatri Spivak, no ensaio “Pode o subalterno falar?” – um livro fundamental que, a propósito, inspirou o título do excelente texto de Djamilia Ribeiro publicado (...) no Dissenso.org. Em suas reflexões (...), Spivak direciona uma crítica a toda uma tradição de estudos sociais produzidos por pensadores e pesquisadores que sempre se dedicaram a estudar a “subalternidade”, mas sem que nunca propusessem um espaço para que os próprios sujeitos “subalternos” pudessem falar por si mesmos.

Neste caso, o efeito direto é que, por mais que a condição de “subalternidade” esteja sendo discutida, ela acaba sendo alimentada, também, por meio do silenciamento de sujeitos que nunca ganham espaço para falar de si e por si, sem conquistar alguma dimensão de autonomia dentro destes debates. São casos em que as vozes dos sujeitos em posições de prestígio social seguem sendo mais ouvidas e mais respeitadas, e as existências e as realidades “subalternas” até ganham alguma “visibilidade”, mas sempre sob tutela, na posição de objeto e nunca na posição de sujeito. Posso mencionar, como exemplo, a ementa de um curso sobre “estudos transgêneros” que vi recentemente, que quase não tinha autoras ou autores transgêneros na bibliografia, sendo que estes autores existem e têm uma produção teórica cada vez mais abundante e relevante. (...) Acredito que a própria expressão “lugar de fala” nos remete a uma outra reflexão importante: a ideia de que todas as pessoas falam a partir de algum lugar. Com isso, quero apontar para o fato de que todos nós ocupamos certas posições e papéis sociais, que invariavelmente impactam a maneira como compreendemos o mundo e a maneira como construímos as nossas opiniões sobre as coisas.

<http://dissenso.org/o-lugar-de-fala-ameaca-a-liberdade-de-expressao/>, com ajustes e cortes

CONTEXTUALIZAÇÃO E COMANDO: A revista “Comportamento & Cia”, na edição desse mês, trará uma reportagem sobre a polêmica instaurada a partir da noção de “O lugar de fala”. Escreva o editorial, adotando linguagem compatível com o público ao qual se destina a revista, qual seja os jovens, os quais ainda não conhecem esse tema.

SÓ PARA LEMBRAR...

O EDITORIAL é um texto de caráter expositivo-argumentativo, veiculado em jornais e revistas. O editorialista focaliza um tema atual e polêmico, de viés político, econômico, social, educacional etc., a partir do qual firma suas argumentações. O Editorial surge nas primeiras páginas do jornal ou da revista, e explora, geralmente, a matéria da capa.

Como fazer um EDITORIAL?

- . O texto é breve – aproximadamente, 25 linhas.
- . A linguagem depende do público-alvo – é preciso considerar, entre outros aspectos, o caráter da revista/jornal (científico, religioso, jurídico, político etc.) e, conseqüentemente, a faixa etária dos leitores.
- . A estrutura segue a dos demais gêneros de caráter dissertativo: apresentação do tema, tese, discussão e conclusão.
- . É escrito, preferencialmente, na 3.^a pessoa do singular.
- . Não leva título nem assinatura.

INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

1. O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
2. O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
3. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.
- 4. Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:**
 - 4.1. Tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo consideradas “texto insuficiente”.
 - 4.2. Fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
 - 4.3. Apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.